



Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira/CAP-UERJ

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica – PPGEB

Mestrado Profissional

Luciana Teixeira Guimarães de Britto

PRODUTO EDUCACIONAL

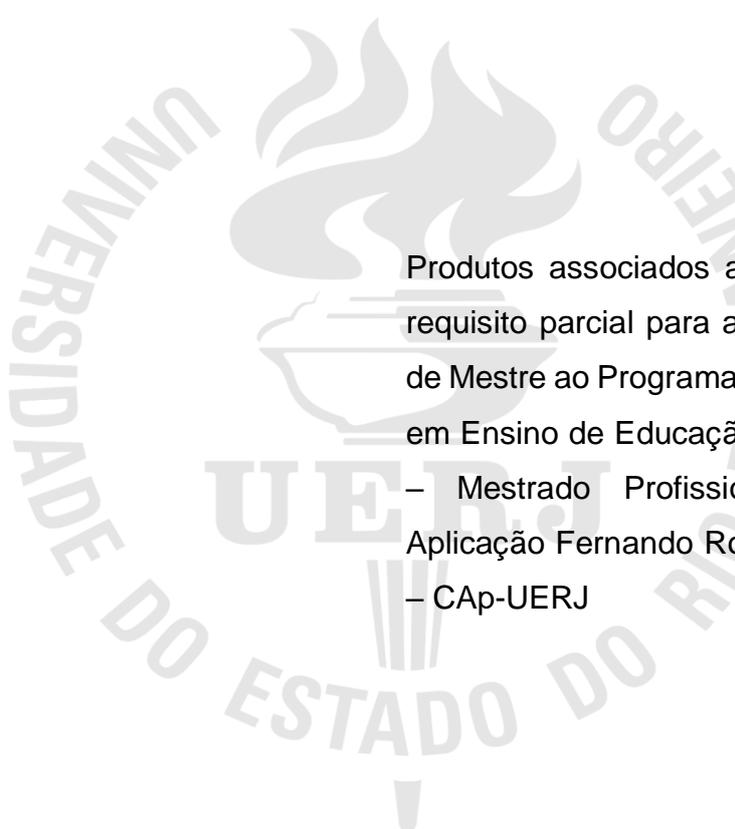
GEPALFA:

Um coletivo em constante (trans)formação docente

Rio de Janeiro

2018

**GEPALFA:
Um coletivo em constante (trans)formação docente**



Produtos associados apresentados como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre ao Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Educação Básica – PPGEB
– Mestrado Profissional. Instituto de
Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira
– CAp-UERJ

Orientadora: Prof^a Dr^a Andrea da Paixão Fernandes

Rio de Janeiro

2018

1. O PRODUTO NO MESTRADO PROFISSIONAL

Com a intenção de devolver às escolas possibilidades de aplicações práticas da pesquisa desenvolvida, o produto consiste na elaboração de um material que possa ser usado como um instrumento de auxílio ao trabalho escolar, seja para cooperar no trabalho docente em si ou seja em sua formação¹.

Com o intuito de incentivar a busca pelos coletivos docentes como uma possibilidade de promotores da formação continuada, apresento dois produtos integrados: um material em vídeo, elaborado a partir do material bruto em áudio e vídeo coletados nos encontros com o coletivo GEPALFA, do Colégio Pedro II, *Campus São Cristóvão I* e a organização de uma roda de conversa acolhida pelo Projeto de Extensão Universitária “Roda de Conversas – cotidiano e escola”.



Foto da entrevista concedida pelo grupo GEPALFA à responsável da pesquisa no encontro do dia 6 de julho de 2018.

¹ Escrito a partir da descrição do que é o mestrado profissional, disponível no site da CAPES. Consulta realizada em 8 de dezembro de 2017 em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>

1.1. O vídeo ‘GEPALFA: Um coletivo em constante (trans)formação docente’

O vídeo, de curta duração, com a característica de um documentário, tem o objetivo de projetar a experiência formativa do coletivo de formação GEPALFA, de professoras dos anos iniciais da escola básica do Colégio Pedro II, como uma experiência de formação docente possível de ser viabilizada entre os docentes que desejam pesquisar sobre suas práticas, independente de formações promovidas por suas instituições de trabalho.

Sem o marco da hierarquia, característico de algumas funções próprias da escola, a proposta do GEPALFA é o estudo de teorias e de práticas em alfabetização partindo de demandas imediatas de suas turmas.

Importante ressaltar que o GEPALFA não nega a importância da formação que é oferecida por coordenações pedagógicas e não propõe uma substituição, mas uma alternativa que possui como característica principal a autonomia de escolha da dinâmica, da forma, caracterizando-se como uma modalidade de formação por adesão e construída em parceria.

O conteúdo do vídeo, como já dito, configura-se como a edição de partes do material bruto das gravações em áudio e vídeo realizadas para coleta de dados, onde, de forma concisa, as professoras apresentam os temas que foram mais profundamente e amplamente debatidos, demonstrando a relevância dos assuntos para aquele coletivo: a parceria como viabilizadora da formação docente, o espaço coletivo como lugar de acolhimento, de dúvida, de não saber e de construção coletiva e a concepção da professora pesquisadora da prática como produtora de conhecimento.

Assim, à disposição dos interessados, no site do PPGE, o vídeo visa incentivar a reflexão docente acerca de sua formação e a busca pelos pares em seus ambientes de trabalho como parceiros de formação mútua, tendo o diálogo como meio de proporcionar essa formação.



Foto da entrevista concedida pelo grupo GEPALFA à responsável da pesquisa no encontro do dia 29 de junho de 2018.

1.2. A roda de conversa ‘GEPALFA: Um coletivo em constante (trans)formação docente’

Acolhida pela ação ‘Roda de Conversas em Educação: culturas, escolas e transbordamentos’, evento do Projeto de Extensão Universitária ‘Roda de Conversas – Cotidiano e Escolas’, coordenado pela orientadora da pesquisa que deu origem a esses produtos associados, professora Andrea da Paixão Fernandes, a roda de conversa com o coletivo GEPALFA tem o propósito de, partindo da experiência formativa do grupo, fomentar a discussão a respeito da formação docente continuada na perspectiva dos coletivos de formação e suas possibilidades.

Dialogando com o propósito de oferecer aos docentes da escola básica meios para repensarem suas vivências e possibilidades de trabalho que a ação do curso de extensão se propõe, a roda, que terá sua organização, divulgação e mediação sob minha responsabilidade, acontecerá após a defesa.

O convite será público e disponibilizado em redes sociais virtuais e por meio de e-mail com pedido de divulgação pelas Instituições destinatárias, garantindo assim amplo alcance de docentes.



Foto da entrevista concedida pelo grupo GEPALFA à responsável da pesquisa no encontro do dia 29 de junho de 2018.

3. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Não deveria ser um privilégio, mas uma prerrogativa do trabalho docente, dispor de um tempo, dentro de sua carga horária de trabalho, não só para o planejamento do trabalho em si, mas também para o diálogo com outros docentes da instituição na qual se trabalha.

A Lei nº 11.738/08 de 16 de julho de 2008, no artigo 1º, parágrafo 4º diz que: “Na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”. Embora a referida lei não trate diretamente do tempo dispensado à planejamentos e atividades formativas, entende-se, por interpretação, que 1/3 restante da jornada de trabalho docente, minimamente, sejam dedicados a esse fim.

Conversar com aqueles que participam do mesmo contexto de escola ajuda a promover a ampliação de perspectivas e uma melhor compreensão dos movimentos próprios das atividades, como afirma Garcia (2003), sobre o processo de pesquisa da prática:

No processo de transformação da professora alfabetizadora em professora pesquisadora estabelece-se um movimento prática-teoria-prática como critério de verdade. É no cotidiano da sala de aula que a teoria é validada, iluminando a prática e fazendo-a avançar, confirmando ou sendo negada pelas evidências empíricas, o que desafia à construção de novas explicações. (GARCIA, 2003, p.23).

Assim, no diálogo com os pares, temos mais clareza do trabalho em curso ou finalizado naquele período letivo, do que precisa de adaptações para melhor atender às demandas, das adequações possíveis e dos entraves que em um primeiro momento apresentam-se sem soluções visíveis. Esse é o trabalho de pesquisa da prática, de que apresenta-nos Garcia (2003), que inclui o estudo da teoria para a busca de esclarecimento, o retorno à prática para a validação dessa teoria e uma reelaboração da teoria onde a prática mostra que uma teoria só é legitimada quando posta em movimento de ação.

Dessa maneira, essa proposta de produtos integrados visa promover a formação docente por meio dos coletivos dando destaque ao perfil de pesquisadores aos docentes que buscam a continuidade formativa com os parceiros de jornada profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lei nº 11.738/2008 (LEI ORDINÁRIA) de 16/07/2008. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2011.738-2008?OpenDocument .

GARCIA, Regina Leite. **A formação da professora alfabetizadora**: reflexões sobre a prática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.